

**Coleção
Sementes**

Maycom Cunha

Cebola Cósmica

poesia

poesia



**Coleção
Sementes**

Maycom Cunha

Cebola Cós mica

Ilustrações de
Matheus Campos

2021



A Diego, meu floema primaveril

Yo cuanto existe celebré, cebolla,
 pero para mí eres
 más hermosa que un ave
 de plumas cegadoras,
 eres para mis ojos
globo celeste, copa de platino,
 baile inmóvil
 de anémona nevada
y vive la fragancia de la tierra
 en tu naturaleza cristalina.*

Oda a la cebolla, Pablo Neruda

*Tudo o que existe celebrei, cebola, / mas para mim és/ mais formosa que um pássaro / de plumas ofuscantes, / és para os meus olhos / globo celeste, taça de platina, / baile imóvel / de anémona nevada / e a fragrância da terra inteira vive / na tua natureza cristalina.

Sumário

Prefácio 10

Túnica

Mulungu	23
Carcará	24
Coalhada	25
O navegante árido	26
Retrato de vovó	27
Cajueiro	28
No entardecer	29
Imperativos sertanejos	31
Assombração	33
Pé d'Angico	35
Meninice	37

Catáfilos

Elogio ao ser amado	41
Encanto	43
Amor à primeira vista	44
Enamorados	45
Felicidade é...	46
Erotikós I	47
Erotikós II	48
Tesão	49
Da amizade	50
Feito 1	51
Feito 2	52

Caule

A cegueira	55
------------	----

O sensível 57
Os irmãos 58
A certeza 59
Três apotegmas de delírios 60
O salto d'alma 61
Poesia em LaTeX 62
Surto de um filósofo literato 63
Liberdade 1 66
As ondas que se quebram 67
Liberdade 2 69
Balada da tristeza 70
Cheiro úmido 72

Raiz

O tempo 77
A solidão e a tarde 78
Balada da solidão 79
Gerúndios d'eu 81
Medo 82
Três apotegmas de autoestima depois de muitas
decepções 83
Pós-metas 84
Deus 85



Prefácio

Desconheço qualquer ato de pensar, de sentir e de escrever descolado de alguma experiência e trajetória de vida impetrada. O livro de poesias de José Maycom da Silva Cunha, ou simplesmente Maycom Cunha, não me deixa dúvida quanto à afirmação, evidenciada na estrutura do portal de abertura de seu primeiro livro *Cebola Cósmica*. A compreensão das quatro partes que estruturam os poemas (*túnica, catáfilos, caule, raiz*) (des)revela o profundo sentido, cuidadosamente conferido pelo autor a cada um dos títulos simbólicos/metafóricos das descobertas, do conhecimento gradual de si mesmo, de seu pertencimento às origens e de sua trajetória. São as boas poesias um toque de Filosofia? Assim concebi os poemas desse jovem de apenas vinte e sete anos de idade.

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo – USP e Mestre na mesma área de conhecimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Maycom nasceu na cidade de Macau, no litoral norte do Rio Grande do Norte. Ainda criança, muda-se para Angicos, região central do Estado. Seguiu sua trajetória de vida nessa região até o início de sua fase adulta, onde apreendeu as sutilezas constitutivas de sua alma poética. Toda a sua trajetória de formação escolar e acadêmica foi trilhada em instituições públicas de ensino. Ingressando em 2009 no Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN/Campus Ipanguaçu, de lá se desloca, em 2012, para Natal a fim de cursar Ciências Sociais na UFRN, onde constrói a base de sua formação

acadêmica, perseguindo apaixonadamente a área da Antropologia.

Maycom Cunha é irmão mais velho de Hilda e de Jeanderson, e todos são filhos de Josélia, mãe trabalhadora doméstica, provedora, responsável pelo sustento e pela formação de seus filhos, a qual, com muita garra, garantia o melhor que lhes podia oferecer. Enquanto a mãe trabalhava, os filhos permaneciam sob a guarda dos avós. Toda a trajetória deles, principalmente a do jovem em foco, foi marcada por uma atitude sábia de sua mãe, que, preocupada em como ocupá-los, a fim de protegê-los das ruas e dar-lhes uma melhor formação, os inscreveu no cadastro da Biblioteca Pública Municipal de Angicos e em programas sociais de políticas públicas da cidade. Conta-nos o jovem antropólogo/poeta que, desde muito cedo, despertou nele o apreço por livros e leituras, inicialmente os títulos emprestados da biblioteca, e, posteriormente, aqueles comprados em catálogos de revistas de perfumaria e beleza, como da Avon. A semente por ela fincada na infância dos filhos, marca indelével de sabedoria materna, a quem Maycom se mostra grato, é, naquele contexto, a solução mais segura de saída e de superação das dificuldades e barreiras enfrentadas pela família, a que os filhos poderiam enxergar como uma perspectiva de um futuro melhor e de conquistas do que se concebe “vencer na vida”. Da vivência protetora, pater-materna dos avós, Ester e Zé Serra, o poeta nos traz doces e sábias lembranças, sobretudo de sua avó, e dela extrai fortes sutilezas presentes no traçar de seus poemas. Sob a sentinela deles,

o “projeto” pautado, pouco a pouco, fez de Maycom e de seus irmãos pessoas acolhedoras e sensíveis aos ensinamentos, aos valores e aos desejos cultivados por seus ancestrais. A atenção e o encanto por cantos e lugares, plantas, pessoas e suas histórias, além das experiências de vidas presentes e passadas, como também por gostos e sabores, fluíram da experiência e vivência com eles. Mister é a força “beligerante” silenciosa de dona Ester, a quem o poeta dedica um poema, traduzindo registros de memórias vivas, regalos paradoxais de sutilezas e dores, de cheiros e sabores acre-doces de uma vida “demais cruel”. Com isso, imprimiu à sua poética influências de vida de sua família, sobretudo de seus avós, e as entrelaçou aos feixes do ambiente, da natureza, das paixões e dos amores. As tramas dessa trajetória marcam esse jovem e o fazem um corajoso, destemido e versátil em seu *modus operandis* de se expressar poeticamente. A escrita hábil, despreocupada de métricas e rimas, é marcante em sua *poïesis*. Um apaixonado por livros, amador, e quem o conhece admira seu saudável hábito de leitura diária e de tudo que o direciona à “catedral”, num futuro próximo, de um antropólogo de muita erudição. Não é à toa a sua devotada admiração e amor pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, além da grande paixão por Guimarães Rosa, indicação de uma arguta amiga. Ao concluir a graduação, começou a trabalhar, permanecendo pouco tempo longe das atividades acadêmicas, período quando mais se dedicou a leituras de outros autores/as, diferentes de sua área de formação, os quais passam a exercer influência em sua visão de mundo,

notadamente Virgínia Woolf, Manoel de Barros, Adélia Prado e Milan Kundera. “Todos os dias, dentro do ônibus, com sol ou chuva, eu lia algum desses autores”, contou-me certa vez.

Em isolamento social, debruça-se em sua mais recente conquista – o doutorado – e cultiva seu hábito de diálogo com a poesia. Às leituras habituais agrega novos poetas: Sylvia Plath, Hilda Hilst e Wisława Szymborska. Dentre eles, afirma que Plath foi “devastadora, sombria, talvez ela tenha inspirado muito mais alguns versos que as demais”, afirmou. Cultivando muitos amores, um deles é o prazer de caminhar, a ponto de perder-se em suas observações e pensamentos, típicos d’almas poéticas.

“Túnica”, a primeira parte do livro, principia as percepções do que está à vista, o mais aparente, o que o autor carrega de mais material e concreto de suas vivências na memória. Desnudando a vida, apercebe-se observador dos encantos dos lugares, de vida, da natureza, das vivências. São vestimentais, como uma túnica, que se mostra em detalhes coloridos, diversos e contrastivos, por vezes em suas formas e nuances estéticas com as rudezas e as belezas presentes nos mulungus, cajueiros, carcarás, pés d’angicos, em sacros simbolismos, revelam-se dalmáticas. São vistas pelo poeta em generosas obras de misericórdia, que aí estão contempladas por ele em “Cebola Cósmica”. Na fração desse livro, à consciência objetiva, aí marcante, pouco a pouco, penetram contemplativa as profundas camadas, as seivas do ser desse jovem poeta, para revelar ao leitor a frondosa árvore que é. Os poemas flamejam sutis

memórias de um tempo, de doces e tristes momentos vividos e sentidos, não importando em que tempo e em qual espaço foram inscritos, sendo concretos e parte de si mesmo, de sua história, de suas buscas, de suas ilusões e desilusões. As lembranças dos sabores acre-doces da coalhada, dos aromas emanados na hora do café, da terra molhada, do cintilar das luzes, das cores, do clima, característicos do Seridó, são profundamente captados por quem sabe, conhece, sente e principia a observação e o estado da contemplação do que lhe é próprio, parte de si e de onde vivera toda sua infância e juventude. “Do meu quarto (...) vejo tudo através de minha janela” (...) “O silêncio mórbido tinha vida gritando (...) um véu separava o tempo de mim” são trechos dessa criação impressa pelo jovem poeta. Interessante é perceber as marcas dessa composição: o traço da trajetória, dos deslocamentos realizados por circunstâncias adversas à sua vida e à sua formação a uma escala de maior consciência de suas potencialidades, de modo a ser capaz de se permitir viver as metamorfoses do humano em si mesmo. O encontro com o amor, a aceitação de sua identidade, que o fazem ser o que é, e como sendo coloca-se em permanente busca. Aproveito das suas palavras para que o leitor compreenda o crescimento de sua transformação, de suas buscas, do encontro com o exterior e da leitura de si mesmo: “Sou um cara gay assumido com um namorado maravilhoso, alguém que inspirou alguns dos poemas amorosos/eróticos. Inclusive dedico o livro a ele”, contou-me certa vez.

“Catáfilos” compõe a segunda parte do livro e, na percepção de quem prefacia este livro, é onde se encontra o mais precioso fruto nascido das vivências: o amor. A percepção do olhar, o enxergar com o coração, além da túnica. Conforme o verbete, catáfilos “são folhas reduzidas que geralmente protegem as gemas dormentes, com grandes reservas de nutrientes. Em alguns casos especiais, atuam como órgão de reserva, como na cebola e no alho”. Os poemas reunidos nessa parte trazem as descobertas, ainda encobertas, que o autor se permite (des)revelar: o encanto, o amor, como ele mesmo diz num “mundo mundano, carente de esplendor”. Os versos repletos de delicadas expressões, gestos, toques captados por aguçados sentidos, fundem-se a percepções, sentidas no suspiro leve e cheiro doce, do calor aceso do abraço do amado. O poeta se permite enamorar-se do amado que chega, o encanta, o ofusca com o brilho, com o sorriso. Traz-lhe leveza, felicidade em completa entrega ao movimento suave da dança, da música, aos beijos quentes, de uma saudade que queima tão viva nos poemas “Enamorados” e “Felicidade” (“é ausperceber cada coisa, juntas, separadas. É se perceber nesse contexto. É descontextualizar-se”). Como no ato de descascar cebolas, o versejador mostra-se, pouco a pouco, por entre camadas, permitindo-se viver conscientemente a sua identidade gay, o amor erótico, sem mais pudores. O poeta sente o prazer e o gozo, a quentura dos corpos, sagrados, duvidando ainda, “profanados”. Significativa é a metáfora da carruagem no poema “Feito 2”, em que se revela completamente consciente do contexto em que se

encontra imerso. As indagações e expressões – “quanto vale o futuro”, “a nossa covardia” e “nem mais soam as panelas” – reportadas por carruagem que se lança desgobernada a soltar liberdades conquistadas, um futuro mais e mais incerto ao iminente risco diante das amarras permanentes, fincam as gradações da subjetividade do autor para um nível mais elevado das percepções de um contexto exterior refletido em seu interior, reflexo de um desejo de conhecer a si mesmo e de preservar o valor da liberdade.

Na terceira parte do livro, intitulada “Caule”, o verbete assim define: “Por ele corre a seiva bruta e elaborada das plantas que sustenta a copa das árvores, de onde brotam os nós, os ramos, as folhas e as flores”. Correm pelo caule o conteúdo da alma, os estados do seu ser. É a fração mais densa dos poemas, em que o poeta para “dizer de si” e se “ver em si” se vale de muitas expressões metafóricas, de uma linguagem mais rebuscada; de repertórios diversos de seu conhecimento que se elastece; de estruturas desestruturantes do convencional gênero poético, como na “Poesia em LaTeX” e em “Três apótemas de delírios”. Ao transformar verbos em substantivos (“um enxergante’ entre cegos”) e substantivos em verbos (“Enfe(i)tichecer”), acena para uma complexa tessitura do que sente, percebe, pensa. Com isso, no sentido mais filosófico da vida, oferta a chave para o leitor sentir e entender a sua seiva que corre pelo caule: de “uma janela que se torna poço, aberto ao passado, às memórias”, expresso em “Cheiro úmido”; ou “uma casa na qual

habitam as aranhas”; “nem Lágrimas arrolam nos rios”, em “Balada da tristeza”, dois poemas escritos em tempos de pandemia. De tudo o que li e do que aprendi com a sua convivência, enxergo um elevado grau de busca sedenta de liberdade, de rupturas, subvertendo o convencional das formas: “Imagine pensar em prosa e falar em versos”, revelado em “Surto de um filósofo literato”. Maycom se vê “oroboro”? ou “*in broto* compossível”? engolindo-se ou desdobrando-se em ondas de retorno ao “vale”, passível de coexistir como em Leibniz, “de maneira integrada no mundo real como (...) possibilidades concretas e realizadas, em contraste à justaposição de possibilidades imagináveis (...) à realidade objetiva”.

Enfim, a árvore se completa: de fora para dentro, de cima para baixo e, no fluxo de sua seiva, penetra-lhe à raiz, a quarta parte do “Cebola Cósmica”. Essa fração do Todo, o Uno em todas as partes, compõe ele próprio. O poeta/antropólogo observa-se, amiúde. Expressa-se na solidão, na tristeza, nas memórias de um tempo que se foi e ainda está; na presença do medo como “força para os fortes”, dos “eus” acontecendo, em permanente formação, como felicidade titubeante, vivida pelo viver de se descobrir sendo, e refazendo-se “o ontem que não é mais”, é feliz, conforme sinaliza em “Sou o isto que não acabou de se formar (...) criando-me sou, e sendo, estou Feliz”. Toda a *poíesis* do jovem poeta/antropólogo faz um movimento de fora para dentro. O que está refletido fora é o reflexo de seu mundo interior, das descobertas e não descobertas de suas dobras, das ondas que se formam e,

em bolhas, se dissolvem, voltando ao início para novamente se formar e se alimentar das memórias protegidas pelos *catáfilos* e pelo retorno das águas ao grandioso “vale” Seridó. Por mais belas e cintilantes que se apresentem as *Túnicas*, nenhuma pretensão será capaz de revelar completamente a profundidade impressa em sua identidade, que o faz único; esse menino-rapaz-homem que se reconhece gigante e pequeno ao mesmo tempo ao se reconectar ao divino, encerrando poeticamente em “Deus”, poema que finaliza “Cebola Cósmica”, revelando as profundas raízes plantadas num solo que o criou e, causticante sob o sol, preenche-lhe o espírito e o torna pleno. Esse é Maycom Cunha, uma descoberta recente, importante e significativa para quem aqui veio e já imprimiu a sua marca. De quem e para quem o perde, e a todo tempo se encontra nesse microcosmo do “Cebola Cósmica”, me sinto profundamente grata em prefaciá-lo trabalho de um jovem sensível e talentoso que me presenteou desde sempre com sua cálida amizade, e certa estou de que seu trabalho será acolhido e apreciado, pois sua *poésis* se fez POESIA.

Maria do Socorro Santos Ribeiro

Antropóloga
Natal-RN, 2021



Mulungu

Do meu quarto,
 vejo um mulungu de um vermelho em chamas.
Tinge de fogo o verde da copa.
Mulungu.
Fogo em flor,
 que brinca com a língua e o céu da boca.
Incendeia-se ao sol.
Uma fênix colossal.
Fotografia de um entardecer sertanejo.
Ganha contrastes com o concreto dos prédios.
Cinzas como todos são.
Ó natureza!
A natura em sintonia com o mundo de pedra.
Esplendor estético.
Queria fixar as chamas do mulungu,
 sobre o concreto seco ao fundo.
A brancura do muro em recalque da chama em flor.
Vejo tudo através da minha janela.
Até mesmo o pôr do sol numa árvore.

Carcará

Montado sobre uma pedra,
 ele aguardava.
Aflito, observava-nos.
Olhos grandes que tocavam o infinito.
Com apenas um impulso, ganhou as alturas.
Tem sob a mira a vítima indefesa.
Sem escapatória.
Um salto.
Com estratégias de rapina.
O bote certo.

Coalhada

Doce em outro sentido.

Azeda nos tons certos.

Escorre na garganta,
pura e simples.

Coalhada farta.

O líquido da vida, de pura consistência.

A vida pulsante, mesmo que congelada no estupor da
matéria.

Gelatinosa brancura de vida.

Coalhada.

O navegante árido

Para Chianca

Ó irmão! Por quais tempestades passastes?
Trazendo em teu corpo marcas das ondas,
das terras longínquas do Seridó.
O acre do tempo que em suas mãos descansam,
relutam e mostram tanto pesar.
Alguém que passa longe do pronome definido direto,
que arrebanha afetos.
Singelos são os encontros,
da vida e dos percalços que, às vezes, sem muito
alvorço, nos batem e nos lançam ao chão.
Mas, são de sertões que se compõe a vida,
tão bem sabia Rosa.
Afinal, de que mais seria feita a existência?
A seca ensina a valorizar a vida,
conquanto, poucos sabem.
Carregamos a vida nas mãos e por ela que pegamos o
mundo.
Nas costas levamos os afetos num bisaco surrado,
abatido e sujo.
Onde mais levaríamos a coleta e a caça?
Nos ventos secos e quentes, navega.
Traz o agreste, o sertão, os climas áridos dos campos
nordestinos.

Retrato de vovó

Senhora ativa de olhos brandos,
 próprios de uma avó octogenária.
Nas vistas cinza-azuladas carrega o espírito de mãe.
Nas mãos enrelvadas de veias, a força anciã da mulher
nordestina.
Fios de pura prata atavam o pouco volume de seu
cabelo.
Com o doce tom da voz,
 brigava e acalentava todos em doses iguais.
O tempo lhe foi cruel.
Deixou-lhe a beleza evanescente acompanhada das
dores de doença;
 a pele flácida dos braços lhe escondiam a própria
força.
Alva era a roupa do quarador de pedras miúdas.
Cheiro de fumo impregnando a sala de santos e preces.
Alfazema do pós-banho.
Cores do tempo presente no ato.
A memória fresca de um passado que não volta,
 cruel demais para ela,
 senhora de lembranças e dos doces.

Cajueiro

Os ventos de chuva trazem o cheiro doce de caju,
da flor em desabrocho escondida na mata fechada
entre os cipós.

Em tempos de invernada os campos se incendeiam de
vermelho dourado.

Com copa recheada de gotas vermelhas.

O cajueiro pinta meu quintal.

Vira cama de galinha e se torna zebra e galinha d'angola.

Ganha aspecto nevado de bosta fresca.

O verde folhoso cintila ao toque do sol.

Fruta-veludo de sabor alcalino se esconde entre as
folhas de verde-barro.

Beleza seca dos campos rachados.

No entardecer

Lembra da chuva no fim da tarde?
Do céu opaco e dos grumes negros e pesados?
Do cheiro de chão vermelho molhado?
Eu estava lá, apenas olhava.

As formigas em fileiras saíam em marchas de pequenos
vulcões do chão molhado.
Formigas roceiras de cheiro-limão cortavam folhas com
suas cabeças grandes.
Carregavam centenas de pedaços de folhas,
das mais diversas.

O silêncio mórbido tinha vida gritando.
Uma orquestra de pernilongos que se entregava ao
adágio.
Lá fora, mais felizes eram os feijoeiros molhados com
suas vagens suculentas.

Entre o aqui e o acolá,
as águas rasgavam o chão em pequenos riachos.
Os tons de laranja salpicavam o oeste,
que de cansaço decidiu brilhar.
Os grumes pesados caíam ao norte,
as chuvas pesadas logo voltariam.

O cheiro de café corria da cozinha e chegava ao
alpendre,

brigando com o cheiro do frio, que abraçava a
casa inteira.

O frio nebuloso da tarde tinha a fragrância de café
fresco.

Um véu separava o tempo de mim.

Tirando o pretume,

a felicidade tinha nome de chuva e cheiro de café.

Imperativos sertanejos

Corra para longe seguindo o curso do rio magro
de silhueta curva que na pedra se fez.
na dobra em cascata das águas turvas.
no tronco caído à mercê da maré.
nas folhas abortadas pela vida em si.
no canto das águas a correr sem destino.

Voe pelo céu anuviado dos sertões agrestes e calmos,
nos ventos secos e fortes que abraçam os serrões,
nos carcarás altivos de sina certa e plumas negras,
na leveza das rolinhas e dos galos-de-campina
de passos rápidos e saltos mansos.
na pluma ferrugem da asa branca em voo.

Dance com as cabras que saltam e berram,
sobre o capim seco em fumo,
ou entre o milho marrom de morte.
baile com a poeira fina da estrada sorrateira na roda da
monark.
dance com o pé de vento da esquina da casa de maria da
arrumação.
ou com o bêbado, toinho pézão.

Seja esplêndida como as oiticicas imperiosas
de copas largas e troncos firmes,
ou misteriosa como o juazeiro enverdecido
em plenos campos torrados sem água e vida.
seja vida como as cores róseas da flor do xique-xique,

ou, tão graciosa quando a flor-de-seda ao vento.
vista-se de plumas e bolhas como o manto dos açudes
em sangria.

Seja alegria como o canto do vem-vem aos ouvidos
saudosos.
do tilintar das gotas fortes d'água das chuvas primevas
de inverno.
do coaxar dos sapos molhados de frio vernal.
da agilidade do gato pedrês a saltitar do ronco das águas.
sorria como a fartura do campo florido úmido pela
manhã.

Seja sertão como são as secas no mês de março.

Assombração

Sobre o corpo-seco em prantos chorava.
Lamentava pelas palavras não-ditas
- são muitas as palavras que não dizemos -,
Guardadas para o futuro incerto que logo nos deixará
arruinados.

Construímos arcas de pura angústia.
Enterramos o mais fundo que podemos,
 verdadeiras botijas.
Lacradas pela eternidade em nós mesmos.
Até que nossos espíritos, angustiados,
Retornem em penitência.

Sob o julgo da existência suprema,
cobre-nos a dívida que nos é digna.
E a cobrança sempre é feita,
 mendigamos a dolência.

A arca sempre é aberta. Excomungada.
Rever as abjetas memórias,
guardadas mesquinamente em pedra.
Sobre os ombros da vida, aconselharam-me:
 Corram! Abram suas arcas.

As botijas precisam de ares de vida,
 mas as correntes apenas se arrastam.
Assombram.
Moedas tombam ao chão.

Tilintam metalicamente no cimento.
Assustam os vivos.
Quem mais tem medo dos vivos que não dos mortos?
Os vivos em prantos não entendem as lágrimas das
perdas.

Coitados dos vivos, daqueles que vivos estão
e de vida não se alimentam.
Esperemos quietos, o defunto curar sob a terra fria.
Esperando, assim, os vermes.

Morte errante que arrasta-nos.
Morte-viva que resseca.
As lembranças do morto não lhe pertencem mais,
a existência lhe será a dona.
A botija logo será seu recinto sagrado de purgação.
Glória! Gritam os homens.
Mas cegos estão enquanto enchem suas arcas-botijas.

Pé d'Angico

Quase nunca íamos.

Quando sempre, estávamos todos juntos numa ciranda
em volta d'árvore.

Curiosos, brincávamos como crianças investigando o
mundo,

 a planta mestra da tradição,
 enraizada no meio da praça, sendo ela.

Foram tempos bons e de alegria, sob o sol escaldante do
semiárido central.

Tínhamos nas mãos galhos e folhas verdes miúdas de
nascença.

A história corria em floema e xilema por entre os dedos.
Estava em nossas mãos, ao acesso da vista do povo.

A árvore seca se passava de qualquer outra.

Tinha um tronco seco e grosso,
 contorcido de tempo e dobras.

Folhas miúdas em leque.

Éramos muitos a desenhar e a pintar,
 coletar e registrar a planta símbolo.

Falsa.

Ilusão que atormenta.

Um simples pé d'angico, de tintura e cura.

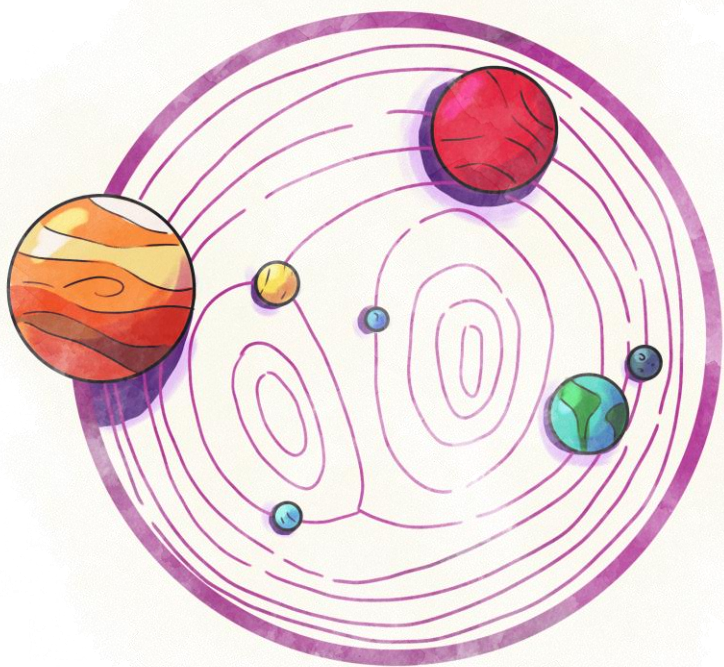
Vermelho sangue lhe preenchia as entranhas,
 tintura viva.

Frondosa e retorcida no tempero da cidade,
Passava despercebida na ordem dos dias.

Apenas uma vez por ano era palco dos olhos.
Angico seco e torto,
Feliz pela ciranda em seu entorno.

Meninice

Corre entre as mangueiras e jabuticabeiras.
Das doces mangas e dentes-de-leão.
Lá onde as tiriricas formam um manto de veludo
espesso:
 de folhas finas e verdes.
Cheiro de terra úmida doma a narina seca.
O barulho das formigas andando em marcha, ritmada
pela evolução.
Pitomba doce em mel com dormência alcalina.
Trepa nos galhos, menino furtivo!
De joelhos rasgados e de pele queimada.
Corre menino, a estação se vai e as pitombas logo
acabam.



Elogio ao ser amado

Pareceu-me esguio.
Um tanto de carne por entre o couro e os ossos.
Sob uns passos desritmados,
carregava o corpo mediano pelas ruas.
E movia uma massa disforme de pura beleza.

Por trás de um sorriso farto de pedras cristalinas,
preenchia o mundo de vida.
Aquoso e brilhante.
Vejo o tempo congelar.
Suspenso numa bolha de éter.
Pífio momento alegre.

Ante o efeito do brilho.
Viajo numa cosmocópia multicolorida.
Enfeitiçado por pura heroína do ver.
Na obscuridade do castanho,
vejo-me inerte.

Num reflexo turvo de mim mesmo.
Que sorriso é esse?
Possuidor dos mais sublimes encantos de Afrodite.

Intrincado na fala, o poder do populacho,
que enche os meus ouvidos de máxima putaria.
Com mãos sedosas e leves como plumas,
tempera um amasso.

Forte.
Cheio de calor.
Vai ao longe corpo colossal.
Reaja às intempéries da vida.
Que seu sorriso abra as portas
E inunde, das mais prósperas glórias,
o mundo mundano.
Carente de seu esplendor.

Encanto

Para Diego, em aniversário

Suspiro de leve o cheiro doce,
das Gerais secas e das vidas passadas,
das mulheres e dos abraços firmes,
das molecagens no sorriso farto.

Como dádiva divina, reluz.
Que em encantos secretos se fez.
Que medo posso ter, se me amas?

Sorriso que abraça, aperta.
Acalma o éter agitado e denso.
Amarra forte o fibrado em onda.
Sorriso doce de não-julgamento.

De tão brilhante me ofuscou.
De tudo que podes ofertar, abraço.
Segura-me forte e não soltas.

Amor à primeira vista

Um sorriso.

Falamos sobre bastante coisa,
exatamente coisas.

Possibilidades concretas e objetivas.

Músicas, vozes dos deuses-homens.

O futuro nos acariciou com memórias do passado.

O passado nos encheu os olhos de nostalgia.

A única certeza é a incerteza dos quanta.

Do multiverso cósmico.

Sobre o paradoxo,
monta-se o histórico.

Sem rima ou métrica,
apenas confusão.

Enamorados

Angicos, 10.VI.20

Quando velho eu estiver,
pegue-me com seus dedos longos e finos.
Segure-me sem medo do amanhã.
Uma Pietà profana e imortal,
de amores celestiais.
De beijos quentes e úmidos.
Ama-me para além do sangue,
das rugas grossas,
do colo ossudo que logo verás.
Alimente o fogo que, por vezes,
teima em se apagar.
Quando velho eu for, cubra-me com sua força,
e suas fraquezas.
Quando velhos nós formos, sejamos pois um nó
apertado
de rugas e amor.

Felicidade é...

Num dia de carnaval de 2018

O cheiro de alho sendo frito em combinação com
cebola.
O reflexo do amado a pilotar o maquinário da cozinha.
São plantas verdes e roxas decorando o jardim.
O vizinho a lavar roupa na varanda.
É o vento entrando sorrateiro pela janela estreita.
É a despreocupação com a rotina de carnaval.
É a formiga andando pelo concreto sem dar-se conta da
imensidão da superfície.
É o céu limpo de nuvens pintado de azul-mar.
É o ballet do pé de fruta-do-conde dançando com Éolo.
Podendo ser, até, a fragrância presa em frascos de vidro.
A música que chega aos ouvidos.
Felicidade é ausperceber cada coisa, juntas, separadas.
É se perceber nesse contexto.
É descontextualizar-se.

Erotikós I

O toque era doce.
A mão quente em brasa.
Acariciava o corpo em mármore.
Frio ao toque.
Doce regalo dos deuses.
Os membros de Hefesto,
vivos de prazer sobre o frio soturno.
Toca-me.
Toque duro de crivo suave.
Mulungu de perfume agreste,
 escondido por entre os dedos.

Erotikós II

O gozo dos apaixonados
em êxtase divino profanado.
O uivo do cu em benções.
Glorioso o coito dos apaixonados.
Cumpra o papel dos destinados à carne.
Doía no início, o tal pranto daqueles que correm pela
terra.
O gozo desesperadamente ao fim da tarde.
O falo ereto na cavidade primeva.
Da primeira das cavernas celestiais.
Flexibilidade das pregas abertas em desejo.
Corre fluído como o rio que leva ao Olimpo.
Nutre o indizível pelas cortinas abertas do santuário.
Misturam-se as carnes, os gozos, as salivas.
A umidade do belo, do divino reencarnado.

Tesão

O corpo falou.

Roçou.

O cheiro ainda produz o frescor dos campos abertos.

O corpo sagrado,
sacralizou-se.

Pedia para ser profanado.

Um impedimento:

o desejo batia à porta:
a precaução e a incerteza.

Segurava-me.

Que corpo sagrado é esse no qual o desejo
reluta em não profanar?

Da amizade

Para Hayanne

Lembra-te do vintém gasto na esquina?
Do lençol fino, macio e cheiroso,
 que na noite fria cobria-te o corpo magro?
A água fresca que bebestes, bebi também.
O pão seco marcado, fora aquele com o qual matamos a
fome.
Não chores assim tão descambradamente,
 foi a terra que nos quis assim.
Lembra-te do canto doce do pássaro empoleirado?
Corri para perto para ajudar-te pacientemente, sempre.
Da água, do pão, do sol, compartilhamos similitudes.
União fraterna de almas, coexistentes.
Fora co-partilhadas, juntas.
Dupla de vozes-uníssonos.
Chega a noite e o cheiro de floral nos lençóis está mais
forte.
Embora separados, a saudade nos une.

Feito 1

29 de outubro de 2018, manhã

Foi um dia triste de segunda-feira.
Estava tudo tranquilo, calmo.
Imagino que os algozes dormem.
Meio-dia de desespero, de agonia.
À sombra da árvore recolheu o justo.
A madeira podre está fedendo,
 tinha cheiro de morte fresca,
 dos pobres degredados,
 dos desvalecidos descalços que perderam seus
direitos.
Os gordos governam pela gula:
 Alimentam-se da vida dos fracos.
Persevera segunda-feira, de frio e morte.
Qual segunda-feira será leve a partir de agora?
Que os próximos dias levem consigo a perda, a própria
liberdade.

Feito 2

29 de outubro de 2018, tarde

Que fizemos?

Entregamos o futuro que estava em nossas mãos.

Deixamos pegarem as rédeas da carruagem.

Serem guiados a partir de agora pelo charreteiro
desgovernado.

Somos loucos, estendemos a mão e a liberdade.

Quanto vale o futuro?

Quantas moedas de ouro verteram do bolso do
estrangeiro?

Por onde guardam as panelas que soavam eufóricas
pelas ruas?

Fomos covardes.

Fujam com o rabo entre as pernas.

Filisteus! Gritam por dignidade os degredados.

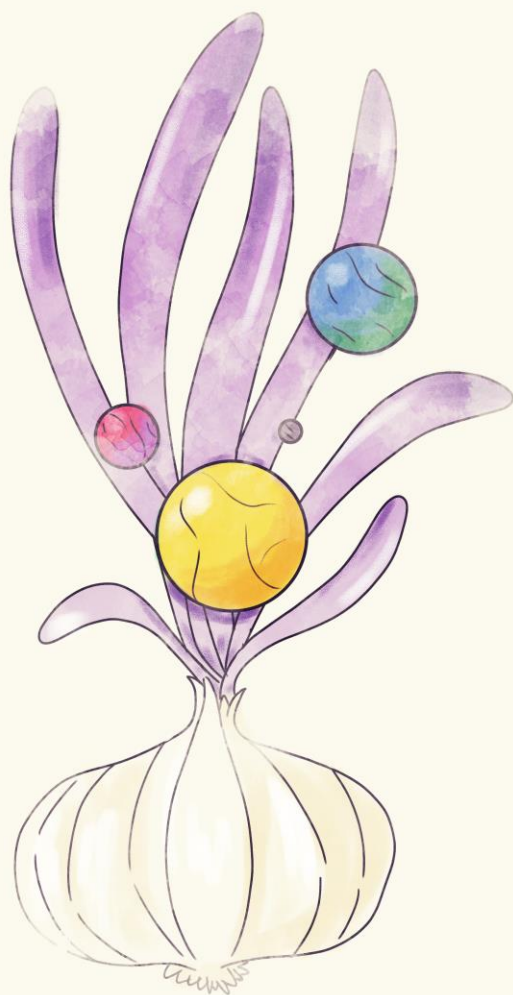
Lutam pelo ouvido atendo e não viciado.

Acostumamos às correntes.

Logo menos estarão mais apertadas.

Ao nos acostumarmos às amarras,

tão logo se tornarão permanentes.



A cegueira

Uma cegueira me persegue.
Meus olhos não veem em volta.
São domados pela primazia:
à frente e atrás.

Analogicamente vejo, enxergo pouco.
Não porque gosto ou porque queira.
Aprendi a olhar para o céu,
ver o vento guiar os pássaros.

Sou das efemeridades.
Das inutilidades.
Nutro um autismo singular às coisas mundanas.
Culpam-me por não ver.

Protestam contra minha cegueira.
Olho-me.
Reluto.

O espelho mente: não sou isso!

Um insight:
nunca se tratou dos olhos.
Causa suficiente.

Continuo a ver o vento levar o pássaro,
meus olhos continuam fechados.

O vento matutino me tapeia a pele.
Cutuca-me por entre os poros.
Possivelmente,
seja eu um enxergante entre cegos.

O sensível

Era, pois, o vermelho feito de flores?
As pedras com tingimentos de folhas,
e a velhice pintada de cor de prata.
Meus olhos bebem o azul do céu.
Aqueles olhos que tocam a pele sensível.
Correm em desespero por sua força,
os loucos sonâmbulos que não veem.

Os irmãos

O passado e o futuro.
E assim é.
Feitos de barro éramos nós, imersos na escuridão.
Tatuando paredes à mercê do acaso.
Sem direção escatológica, vivíamos.
Apiedados de nós mesmos.
Recebemos a dádiva: luz.
Os deuses não nos olham.
Sorriem, divertem-se.
Macacos pelados cegos na imensidão da terra.
Ó planeta singular.
Forte. Peculiar.
Presente eterno.
Melancólico em sua prisão: preso entre o passado e o futuro.
Prometeu e Epimeteu, irmãos da humanidade.
Símbolos do humano nato.
Vivem, no entanto, de memória e de expectativa.
Ave sem ninho dependente da mão que acalenta.

A certeza

De incertezas são feitos os amanhã,
 recobertas de angústias pelo tempo não vivido.
E é como o ontem,
já vivido, mas saudoso.
Quanto tempo nós não temos mais?

Três apotegmas de delírios

Com vontade de compartilhar o afeto num instante
intenso e forte.

- Abraço

Recobre os contornos dos morros docemente

- Vento

Saudades com o toque de sertão em pleno meio dia.

- Sede

O salto d'alma

E num estágio de entressonho,
desperto.
De salto, um impulso.
A nova vida que me soqueia.
O despertar para a mesmice.
O sono volta.
O estágio já findou.
Todos findam, no final das contas.
A momentaneidade do choque.
Um susto.
Acalme-te!
Volte a dormir.

Poesia em LaTeX

```
\hfill{\large{{\textbf{A programa\c{c}\~{a}o da
poesia em LaTeX}}}}
\bigskip
\begin{verse}
\noindent a poesia t^{\e}m suas m^{\e}tricas e suas
nuances. \\
palavras tortas e compiladas, de arestas firmes e
\textit{curvas abertas}.\\
por^{\e}m, a beleza está na \textit{moleza doce} dos
versos desritmados, \\
na do\c{c}cura de criar o novo.\\
fazer poesia \^{\e} estar em comunh\~{a}o com a vida,
\\
com a \textbf{natureza} plena.\\
segurar na m\~{a}o da palavra solta e dan\c{c}ante.\\
poetizar \^{\e} brincar de viver em s^{\i}mbolos. \\
programar \^{\e} poetizar com os \textit{segredos} das
palavras.\\
poesia \^{\e} program--\textit{a\c{c}\~{a}o}.\\
\end{verse}
```

Surto de um filósofo literato

Para Thaís

Ansioso pelas elucubrações antropofilosóficas.
Imagine escrever um poema,
sem rima, em métrica desconcertada.
O uso das cartas é sinônimo de conversas incompletas,
um diálogo que não saiu da semente.
Imagine escrever em versos, sem silabetos de ligamento,
fugindo da norma culta.

Logo menos terei acesso ao seu estilo próprio,
Basta uma tentativa.
Singular em letras curvas de estrutura estruturada,
em uma personalidade fluída e diversa.

O poema é incentivo.
Moeda de barganha para projetos futuros de produção
intelectual de altíssima qualidade.
Lévi-Strauss brincou com as palavras.
O mitológico, adjetivo que ganha peso dentro da
própria grandiosidade do Claude.
Um antropólogo de conexões densas.
Festim, festa, banquete.
O consumir destrutivo, produtivo.

Acredito que ideia de Oroboro não lhe seja indiferente.
Consumir-se a si próprio.

tão diversificada quanto às estrelas no céu.
Imagine pensar em prosa e falar em versos.

Liberdade 1

Foi ela que me trouxe,
Pegou-me pelo braço e correu.
Agora, esconde-se onde não poderei lhe alcançar.
Guardou-se para esperar o futuro que logo chegará e
trará,

sua irmã, a liberdade.

Olhe ao lado e verá o som do mar.
O som que a água deixa ao marcar as pedras.
Corra, fuja para longe do cerco,
deixe o caos solto.

Não espere que a solução venha à porta.
A vida está armada.

É o front do cerco e têm às mãos a resposta.

As ondas que se quebram

Para onde correm as ondas do mar?
de qual intensidade vem sua origem?
por que quebram?
um conjunto de partículas de água salgada
e de vida marinha quebrando sobre si mesma.
o borbulhar de sal e ar que solavanca flocos de areia do
chão.
as ondas carregam as forças do tão distante
e correm para descansar nas costas terrosas da praia.
sua força ingênua, esquece das águas de retorno.
correndo de volta ao mar, as águas sulcam o chão
e chocam-se com a onda vindoura.
vales.
curvas entre cristas.
o descanso das ondas.
o embate entre a onda e o vale, curva a própria
realidade.
cria realidade.
dobra sobre dobra.
come a si mesma.
oroboro.
a onda engole a si em dobras prepostas.
a curva não existia até o encontro acontecer,
mesmo assim, o dobrar-se já lhe era imanente.
existia in broto compossível.
quanto mais próximo da curva em crista,
mais vale de onde existe.
o vale é retorno, a onda é chegada.

o sentido da onda é dobrar-se sobre si, festejar em
bolhas.
engolir o ar em sua forma pura.
o vale é correnteza que deseja retornar.
em retorno, cria cascata, deságua.
a onda é imensidão que exige descanso,
equilibrar as energias, suas intensidades.
o ideal de onda é ser vale.
é correr em calmaria intensa e remontar à imensidão.

Liberdade 2

Corre, corre liberdade para os pastos verdes do norte.

Às terras de esperança dançante aos destinados.

Foge liberdade enquanto as algemas estão frouxas.

Respire o ar úmido da costa, da floresta fechada.

Espere na esquina na rua ao lado, na casa da esquina.

As paredes verdes servem para enganar.

Não sinta medo do imprevisto da curva,

é o peso da escolha.

Balada da tristeza

Angicos, 24.04.20

Nada pesa mais num corpo fraco,
que uma ausência que arranha.
Abre uma fenda de poucos centímetros.
Um sulco que nos expõe por dentro.
A fissura de profundidade significativa.
Uma fenda que chega ao vazio,
uma tormenta.

Sobre os cascalhos, caminho descalço.
Meus pés doem.
A dor pouco importa,
quando o vazio nos habita.
Nem lágrimas arrolam nos rios.
Uma intempestiva dor no peito,
em outra, o nó na garganta.
Por sua vez, cheia de vazio,
ecos de ausência.

Sou uma casa na qual habitam as aranhas.
Sobre as paredes crescem, lentamente, as teias finas de
fluídos.
Quando foi o dia da evacuação?

Sem tinta, a casa empalidece.
Sem dono, a casa desmorona.

Sob a casca, um grito retumba,
a praça esvazia de medo.
Ecoa um som.
A casca perambula como se agência tivesse.
Tolice.
O vazio lhe domina.

Cheiro úmido

Angicos, 04.05.20

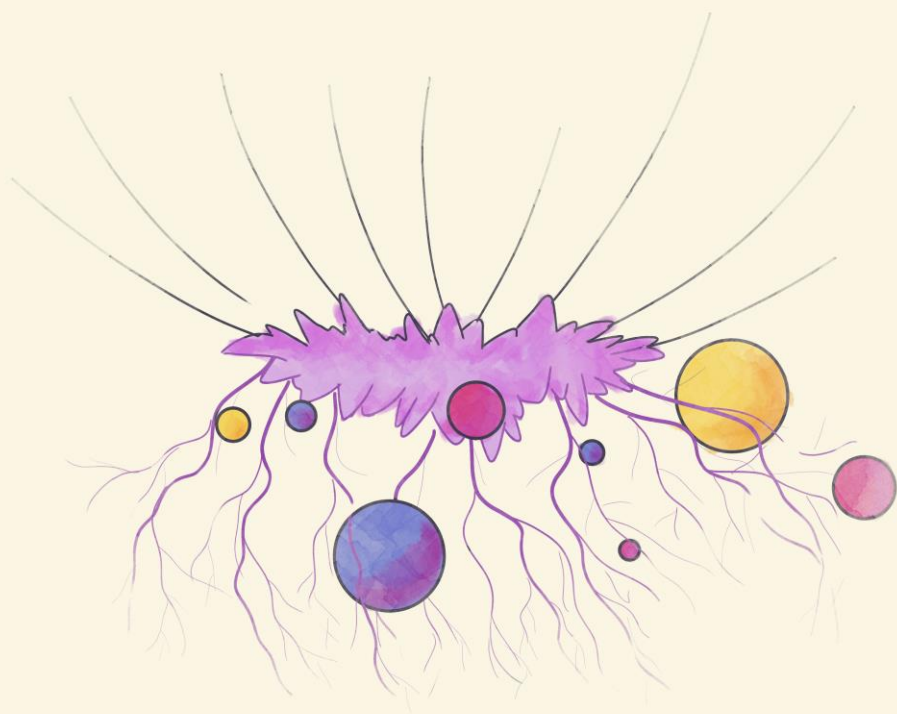
Através de minha pequena janela vejo uma fina chuva.
O tempo nublado que se formou logo ao nascer do sol,
 acinzentou-se ao ponto de tornar-se gotas.
O cheiro conhecido de umidade e terra, nasceu.
A janela estendeu a mão,
 acariciou o quarto vazio.

Na verdade, havia apenas o meu corpo.
Pela janela soprou o cheiro úmido.
Um odor me puxou para o passado.
O tempo do colégio.
O fim do ano.
O inverno.

Esse cheiro era anúncio do fim do ciclo.
Dos sorrisos de despedidas.
Um “até logo”, acenavam as cabeças nos ônibus.
O cheiro de chuva que sinto preludia o outono.
O inverno confunde os sentidos.

Esse cheiro forte me remete à infância,
 à roupa nova,
 ao caderno descuidado da escola.
A janela que se tornou poço,
 aberto ao passado,

às memórias.
O cheiro que lembra o estar-em-casa.
Sentado, meu corpo cheira.
O outono faz questão de salvaguardar o passado,
que vive no tempo,
úmido, vivo.



O tempo

Falam-me sobre o tempo.

Que tempo?

Aquele que pulula em seu pulso?

Àquele que despusemos nossos dias é ilusão.

Foi-se o tempo do tempo-vivo, da vida sem tempo.

Das batidas dos ponteiros soam mentiras,
aceitas, confessa.

Ninguém tem mais decência do tempo controlar.

O tempo-vivo foi guardado.

Joia rara de eras passadas,
de estórias de trancoso,

de agouros do além-mundo.

do boi na porteira,

do escuro que esconde.

Tempo-corre como corre água.

Tolo quem dela não bebe e foge.

A solidão e a tarde

Era tarde.

O céu amarelado estava me apresentando uma pintura.

Eu desolado, dei-me conta tão tarde do que se tratava:

 a solidão tem tons de céu entardecido.

Não estava triste.

A calma habitava-me.

Olhei para o lado e nada vi.

Era eu e o caminho,

 de mãos dadas,

 andávamos sós.

Simplesmente andamos.

Balada da solidão

Angicos, 02.05.20

Se me olhas com fome,
 pouco sabes do meu sabor.
Do amargo que corre em minhas veias,
 subterrâneas.
Através das janelas escuras dos meus olhos,
 veem a imensidão.
Morda-me, cuspa-me,
 não estarás fazendo menos que a vida.
Quanto tapas na cara a fome exige?

Sua fome apenas me arranha a superfície.
O azedo que sinto à pele,
 penetra pelos poros, que se prolongam ao
escuro poço.
Minhas veias são apenas rios de águas turvas.

Às noites há turbulências na superfície,
 rompem das colinas altas e profundas,
 as escuras ondas borbulhantes.
Desembocam fortemente numa laguna densa.
De onde nascem belas lótus, abertas ao céu,
 pouco estrelado.
Uma lua de cândida luz,
 refletida como num espelho liso.
O reflexo aponta para o fora através dos olhos.

É pelos buracos que vejo a fome.
Nem sabes do vazio preenchido pela ausência,
 água, lótus, lago.
Uma escuridão.

Gerúndios d'eu

Sinto sendo o que sou,
do que não sou mais e do que ainda serei,
das convicções, das poucas que temos,
a glosa da tristeza me abraça,
a incerteza da felicidade a acompanha.
Do medo demasiadamente grande para as fracas
costelas.
vivo me descobrindo, sendo.
E refazendo o ontem que não é mais.
Seguro firme a barra da saia,
Levanto a aba do chapéu e vejo o futuro poetizar.
Sou o isto que não acabou de se formar.
Corro solto na criatividade do que poderia ter feito,
mas não fiz.
Sortilégio de felicidade é para poucos.
Feliz sou por não o tê-lo.
Não estou limitado para me criar,
e criando-me, sou.
e sendo, estou feliz.

Medo

Mentiria se falasse que não tenho medo,
culparia a mim mesmo por repudiar tal qualidade.
O medo é o redentor.
De braços abertos olha e chora, vê tristeza e
brutalidade.
Medo é força para os fortes,
que orgulho do medo das baratas,
simples.
O medo dos fracos é de outra linha, esquecido entre o
espírito e a prece.
O medo do forte, robusto em ganhos,
torna-se tirania.
Ressentidos, os fortes não choram,
mordem.
Criam backstage.
Mentiria se falasse que tenho medo.
Aprendi a não temer, pois temendo nada sou.
Seguir em frente é ciência avançada,
não temo, sou.

*Três apotegmas de autoestima depois de muitas
decepções*

I

Por fim, descobri que a podridão me habitava, e dormi.

II

A vida é isto, somente um pronome demonstrativo.

III

Ao entardecer, brota-me a vontade de posar como
Ophelia a Millais.

Pós-metas

Foi um fim triste,
sem perspectivas.
O pós-apocalipse estava frio.
Quieto.
Apenas a luz da lua me iluminava.
A solidão fez crosta,
tornei-me um guerreiro medieval.

Deus

Orei curvado ao pôr do sol,
de joelhos sobre a areia fina e úmida da praia suja.
O vento salgado que em meu rosto tocou,
moldou minhas lágrimas em sal.
Vi também o sol iluminando a planície do sertão,
ao longe com um imenso globo de fogo.
Orei sob a chuva rápida do mês de Outubro.
As tenebrosas filas da emergência de fome e agonia.
Todos os santos são dignos de oração no desespero
repentino.
Eu lhe vi quando a Araruna cantou empoleirada,
escondida entre os secos caniços da favela no
aceiro da estrada.
Senti a ti, senhor do tempo, da vida plena.
Orei quando não tinha mais opção.
Quando as tripas gritaram.
A oração me ligou ao céu e a terra.
Senti-me parte da criação.
O que é a dor quando estamos plenos em espírito?
O canto do pássaro no galho sintoniza o canto da
proclamação.
O ateu crente na potência divina.
Sejamos grandes na força.

Coletivo Fulor de Mulungu

2021

CONSELHO EDITORIAL

Anne Damásio
Diego Paiva
Hallysson Nóbrega
Isadora Raminelli
Julia Brito
Lara Araújo
Leonardo Bezerra
Luma Fernandes
Nicole Vaz
Maria do Socorro dos Santos Ribeiro
Maycom Cunha
Renata Castro
Rianna de Carvalho
Sávio Randy Oliveira
Ademar Albuquerque

DIAGRAMAÇÃO

Arthur Lima

ILUSTRAÇÕES

Matheus Campos

REVISÃO TÉCNICA

Roque Chianca

AGRADECIMENTOS

Leonardo Viana
Luiza Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Maycom

Cebola cósmica [livro eletrônico] / Maycom Cunha.

-- Parnamirim, RN : Fulor de Mulungu, 2021.--

(Coleção sementes)

PDF

ISBN 978-65-996764-0-6

1. Poesia brasileira I. Título. II. Série.

21-92995

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Coletivo Fulor de Mulungu

Parnamirim, RN.

Contato: edicoesmulungu@gmail.com

Site: fulordemulungu.com

Instagram: [@fulordemulungu](https://www.instagram.com/fulordemulungu)

Coleção Sementes

A coleção Sementes busca reunir obras iniciais no campo da poesia. São os primeiros versos e experimentos de cada autor(a) condensados em singelas publicações. Um exordial esforço de escrita poética. Esta primeira fase quase-esquecida entre rasuras guardadas na gaveta e que somente depois de relutas ganham vida aos olhos de nosso público. As sementes estão para além das promissoras perspectivas de um possível ser-árvore, elas condensam dinâmicas em si mesmo. São obras potentes de vida e criatividade, prontas para serem semeadas e irrigadas pela divulgação e circulação digital. Almejam apenas um solo propício, fértil, aberto ao desejo que lhe adormece. São obras incipientes de coragem e contato com as musas. A coleção Sementes oferta a seu público os primeiros passos de seus poetas em potencial e esperamos que encontrem bons tempos entre seus leitores.



Esta obra de Fulor de Mulungu está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

